

EIXO TEMÁTICO 13: Política educacional e trabalho docente.

LIMITES E POSSIBILIDADES DA ESCREVIVÊNCIA, INTERMEDIADA PELA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA, NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Roberto Eduardo Albino Brandão, Mestre, SEEDUC/RJ, edu@roberto.bio.br

1. Introdução e Objeto de Estudo

O presente trabalho analisa as contradições que emanam da política educacional e do trabalho docente da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), no âmbito do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (SME-Rio) e do Ensino Médio da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). O objeto de estudo circunscreve-se a uma experiência pedagógica concreta: a produção de livros coletivos que articulam as histórias de vida dos estudantes da EJAI a conceitos científicos/biológicos. O objetivo geral é analisar, à luz da pedagogia histórico-crítica, os limites e as possibilidades da escrevivência mediada pela cultura musical ou por tecnologias digitais para a apropriação do saber científico e o exercício da autoria na EJAI, considerando as condições objetivas do trabalho docente nas redes públicas carioca e fluminense.

Sob a lente do materialismo histórico-dialético e da pedagogia histórico-crítica (PHC), a educação é compreendida como o ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelos homens (SAVIANI, 2013). Para a PHC, o trabalho educativo consiste em produzir a segunda natureza no indivíduo, o que exige a transmissão dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos mais desenvolvidos (SAVIANI, 2013; DUARTE, 2016; MARTINS, 2013). No cenário da EJAI, essa premissa ganha contornos de luta de classes, visto que a política educacional recente tendeu a subordinar a formação dessa modalidade aos ditames do mercado de trabalho precarizado, reduzindo o currículo a competências instrumentais mínimas e esvaziando os conteúdos universais, fenômeno que Saviani (2019) caracteriza como neoprodutivismo e neoescolanovismo.



2. Delimitação da Problemática

A problemática desdobra-se em duas dimensões dialeticamente interligadas: a dimensão subjetivo-cognitiva dos estudantes e a dimensão objetivo-estrutural da escola pública. No plano subjetivo, constatam-se severas barreiras na autoria literária e científica dos discentes. Afastados historicamente do código escrito formal por processos de exclusão social, os estudantes frequentemente não se reconhecem como produtores de cultura ou de saber científico. É fundamental superar a visão assistencialista e deficitária que historicamente marginaliza a modalidade, compreendendo que os estudantes da EJAI são, fundamentalmente, sujeitos de saberes (ARROYO, 2017). Na PHC, esse saber acumulado representa a prática social inicial do educando (SAVIANI, 2013), matéria-prima existencial e cultural que não deve ser negada, mas elevada ao patamar do conhecimento científico universal. No plano objetivo, o trabalho docente colide com a precarização estrutural das unidades escolares, caracterizada por ausência de laboratórios de informática funcionais, conexão de internet inexistente ou de baixa qualidade, inexistência de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) efetivamente construído com a comunidade escolar e tensionamento nas relações intersubjetivas. Exemplo emblemático manifestou-se na fala de um discente que acusou o docente de "querer ganhar dinheiro com a venda do livro", evidenciando a desconfiança gerada pela lógica do capital, que reduz qualquer produção pedagógica coletiva a mercadoria (MARX, 2013). A partir desse quadro, questiona-se: como viabilizar a apropriação do saber científico e a autoria dos estudantes da EJAI, por meio da Cultura Musical ou da Inteligência Artificial, quando a própria infraestrutura escolar e a precarização do trabalho docente atuam como forças de alienação e exclusão?

3. Desenvolvimento e Discussão Teórico-Metodológica

A metodologia ancora-se na PHC, estruturada a partir da prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final (SAVIANI, 2013). Para fazer frente ao bloqueio da autoria, buscou-se o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo. Conforme conceitua Evaristo (1994 apud CERQUEIRA, 2021, p. 7):



> [...] é a escrita a partir de um lugar enunciativo que também é o da vivência de quem tem a sua experiência narrada. Neste processo, fronteiras se dissipam e o embaralhamento é inevitável. Memórias se encontram com o processo de tessitura ficcional e o resultado de tudo, geralmente, são experiências arrebatadoras.

A escrevivência não se reduz a mero relato biográfico; representa a escrita de si a partir de uma condição coletiva historicamente marcada pela subalternidade e pela resistência. Longe de ser adotada sob o fetiche do tecnicismo neoliberal, a Inteligência Artificial (IA) foi introduzida como ferramenta problematizadora do trabalho intelectual de escrita, atuando na superação do "medo da página em branco". Conforme Duarte (2016) e Martins (2013), a PHC compreende a tecnologia não como determinante neutro, mas como produto histórico do trabalho humano que, na escola, deve estar subordinado à transmissão dos conhecimentos clássicos. O processo pedagógico segue três etapas dialéticas: 1) Escrevivência relatada; 2) Problematização via IA / depuração; 3) Síntese: conceito biológico e debate político (o livro coletivo como práxis). A escrita do livro evidencia a transferência do ônus do Estado para o estudante-trabalhador e para o docente, pois, sem computadores, os textos vêm sendo construídos em celulares dos próprios estudantes e no notebook pessoal do professor – expressão da precarização do trabalho docente analisada por Saviani (2013) e Duarte (2016). Para além do risco de a IA ser tomada como saber totalizante, a alienação mercadológica manifestou-se na suspeita infundada de lucro com a "venda" do livro – valor de uso x valor de troca, conforme fundamentação marxiana (MARX, 2013). O debate político posterior constituiu momento de catarse (SAVIANI, 2013), em que se discutiu propriedade intelectual, mercantilização da vida e o caráter público e gratuito da produção.

4. Conclusões e Distinção dos Resultados

A análise revela que a introdução de tecnologias avançadas, como a IA, nas redes públicas ocorre sob profunda assimetria. Se, por um lado, a IA pode constituir-se como ferramenta para que os sujeitos da EJAI superem a barreira da autoria, por outro, pode agudizar a alienação se tomada de forma acrítica. Para assegurar rigor, distinguem-se duas experiências:



a) Experiência concluída – SME-Rio (2025): desenvolvida no Ensino Fundamental da EJAI, com estímulo à memória a partir da cultura musical, sem uso de IA. Resultado: livro eletrônico coletivo com 32 escrevivências articuladas a conceitos de ciências, áudios gravados e transcritos pelo docente, lançado na unidade escolar, com exemplar impresso disponibilizado na sala de leitura.

b) Experiência em andamento – SEEDUC-RJ (2026 – em execução): desenvolvida no Ensino Médio da EJAI, com uso da IA como mediadora de pesquisa, escrita e debate político. Resultado parcial: 18 textos em processo de depuração, produzidos em celulares e notebook pessoal do professor devido à ausência de laboratório. Verifica-se avanço na problematização dos prompts e na articulação com conceitos biológicos, mas persistem limites estruturais.

Em ambas, a política educacional negligencia as condições objetivas de trabalho docente e de aprendizagem. Conclui-se que o uso da tecnologia na escola pública só adquire sentido progressista se estiver organicamente articulado à denúncia das precariedades materiais, à defesa do trabalho docente como trabalho intelectual e à elevação cultural da classe trabalhadora (SAVIANI, 2013; DUARTE, 2016; MARTINS, 2013).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

CERQUEIRA, Leonardo Campos. **As escrevivências de Conceição Evaristo no ensino médio**. Recife: Vedas Edições, 2021.

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo**. Campinas: Autores Associados, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994. Apud CERQUEIRA, 2021.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2019.